

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire



Oracina e Maria José no hotel: ilhadas em Ponta de Pedras.

compreensões de que são vítimas em lugares tão diferentes e distantes entre si como o sul do Estado, dominado por goianos e mineiros, o oeste, marcado pelo risco vermelho da Transamazônica na floresta, e o norte, em que pontifica Belém, com o porto aberto para o Oceano Atlântico. Nada é fácil na chamada porta da Amazônia — oito anos atrás, apenas treze municípios tinham curso regular de 2.º grau. Hoje, o número cresceu para 56 cidades, mas este ano apenas 55 000 alunos de 564 670 matriculados passaram da oitava série. Pouco, como se vê, para um Estado com mais de 4 milhões de habitantes, que ocupa 15 por cento do território brasileiro e é quatro vezes maior que a Itália, sem contar a Ilha de Marajó, cuja área de 48 602 km² supera a de países co-

mo Holanda e Bélgica. “Aqui em Belém, a gente cultiva danças como o carimbó e a lambada, enquanto no sul do Estado o pessoal curte músicas estrangeiras e copia roupas das novelas da Globo”, compara a professora Glória.

Não podia ser diferente. Em Rio Maria e Xinguara, no sul do Pará, as rádios mais ouvidas são de Goiás e do Maranhão. “Elas determinam o modo de falar na região”, afirma Glória. “É outro mundo.” Ela tem razão. Tanto que a chegada da trupe do Modular é capaz de mudar completamente os padrões de comportamento da maioria das cidades. “O professor é apontado nas ruas como uma ave rara e exótica”, diz Albeni. “Até seu modo de vestir gera preconceitos.” Alguns, por sinal, absolutamente inesperados. O diretor da escola de Salvaterra, no norte da Ilha de Marajó, resolveu não apostar no projeto e mandou seu filho estudar em Belém. “Mas sua empregada ficou e tornou-se uma das melhores alunas do curso”, diz Albeni.

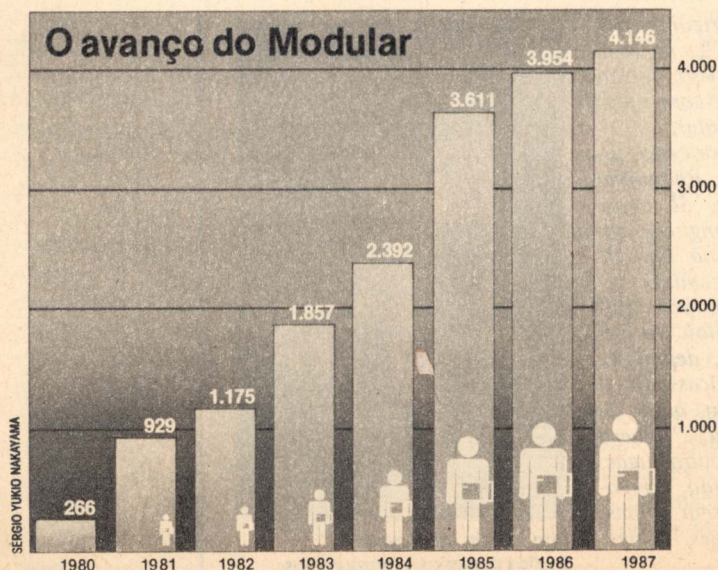
As vezes, o professor é levado a tomar decisões delicadas. Em Igarapé-Miri, por exemplo, o então prefeito Raimundo Danda fez matrícula no curso em 1982, junto com sua mulher Maria José.

Ela passou, mas ele acabou reprovado. E era ele quem dava casa e comida para os professores na cidade. Ainda assim, não recebeu sequer diploma de honra ao mérito. “O trabalho deve ser limpo e sério”, prega a coordenadora Rosa. “Procuramos deixar de lado as questões político-partidárias.”

Não é tarefa fácil. Afinal, o Sistema Modular, criado em 1980 pela professora Aldalice Otterloo, depende de convênio com as prefeituras. Na teoria, o governo fornece os professores e os municípios oferecem hospedagem e alimentação. “Acontece que muitos prefeitos simplesmente viram as costas para o projeto”, denuncia Albeni. Em Palestina, no sul do Estado, três professores costumam dividir um quarto numa velha pensão. “O banheiro coletivo, construído com tábuas, fica no quintal”, conta Gló-



Recreação em Igarapé-Miri: usando uma escola de 1.º grau emprestada.



Gadotti e Freire, gurus da selva

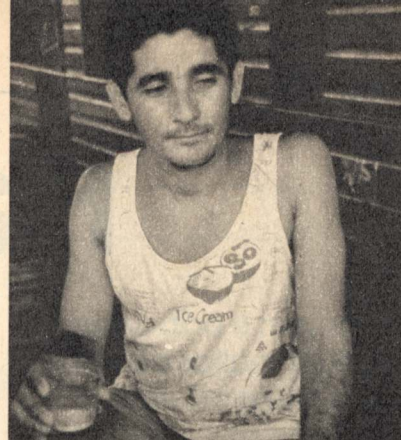
O Pará ainda é provinciano e bairrista. Fafá de Belém canta no rádio sem parar e o jogador Sócrates, outro filho da terra, virou logotipo em tamanho natural de uma casa de materiais esportivos, em frente ao mercado Ver-o-Peso. Na Educação, porém, o Sistema Modular resolveu importar dois gurus — o catarinense Moacir

ria. Em Nova Timboteua, perto de Belém, um vereador costuma abrigar os professores no quarto de despejo de sua casa. O prefeito acha que Educação não dá voto. Perto das eleições, no entanto, eles mudam de idéia. "O telefone da Secretaria não pára de tocar em época de campanhas eleitorais", diz Albeni. "São pedidos de prefeitos de todo o Pará, mas fazemos uma triagem rigorosa em nome da qualidade de ensino." Verdade: em cada município, o total de vagas para todas as séries não passa de 120. "Quando há mais candidatos, fazemos uma espécie de minivestibular", explica Albeni. "E não aceitamos pressões." Brava resistência.

Tamanha batalha traz saudáveis compensações. Esses saltimbancos do ensino são responsáveis pela formação de 18 330 estudantes, de 1980 a 1987 (veja o gráfico na página 20). Alguns alunos, entusiasmados com as discussões em classe, transferiram o debate para os palanques. Ermírio Novaes, 25 anos, é um deles. Pretende ser eleito vereador pelo PT de Igarapé-Miri. "Sou professor de 1.º grau e quero continuar na defesa da Educação", discursa. "Ela não é privilégio dos grupos dominantes e podemos começar uma mudança a

partir do próprio município." Otimismo não falta. Mirtez Elaine do Socorro Torres, 24 anos, formou-se em 1986 na mesma escola de Ermírio. Mas não pendurou o diploma de Magistério na parede. Juntou-se a duas amigas e alugou uma casinha de madeira para instalar o Centro Educacional Sorriso do ABC da Xuxa — uma pré-escola que vive lotada de crianças. "Encontrei minha vocação", suspira.

Os bons vestígios do Sistema Modular são visíveis em qualquer parte do Pará. Josué Pureza, 20 anos, frequenta o 2.º grau à tarde, no qual discute textos dos educadores Moacir Gadotti e Paulo Freire (leia o quadro abaixo), e às 10 h da noite surge numa rua de terra, escura e estreita na direção da Padaria Pérola, em Igarapé-Miri. "As massas sempre me atraíram", brinca o padeiro. Em seguida, faz um ar de seriedade. "Depois de formado, só me sentirei um verdadeiro professor se for capaz de esclarecer todas as dúvidas e perguntas dos meus alunos", diz. No fundo, Josué, que vive no baixo Tocantins, cultiva os mesmos sonhos e tem preocupações idênticas às de Edilson Moraes, 23 anos, que mora em Ponta de Pedras, na Ilha de Marajó, e passa seus dias entre uma olaria, na qual constrói peças de cerâmica, e a escola. "Dentro da classe, estamos atualizados; fora dela, pouco se sabe", acredita ele. "En-



Professor Iran: drama com um barco à deriva na baía de Marajó.

fim, adquirimos outra visão do mundo e ficamos mais preparados para agir."

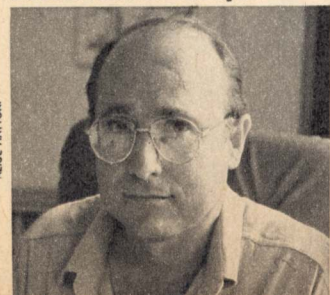
São alunos assim, por certo, que colocam os professores do Modular em cima de transportes tão imprevisíveis como o barco *Raimundo Malato*. Senão, como explicar essas verdadeiras expedições Amazônia adentro? É improvável que apenas o salário — 40 000 cruzados, mais 20 000 em diárias — seja capaz de arrastar um professor para cidades como Terra Santa, no extremo oeste do Estado, divisa com o Amazonas e mais perto de Manaus do que de Belém. Terra Santa, enfim — onde se chega depois de 24 horas de viagem em avião, barco e ônibus —, é também um enigma geográfico. Não consta sequer dos melhores mapas e atlas escolares. ■

Marcos Barrero

Gadotti e o sergipano Paulo Freire.

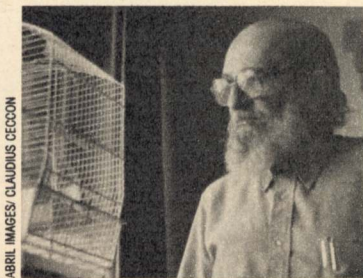
Eles não participam do projeto, mas seus textos são os mais disputados e discutidos pelos alunos que cursam o Magistério. "Usamos muito o livro *Concepção dialética da educação, do Gadotti*", revela a professora Aldalice Otterloo. "Outra bíblia do curso é *Pedagogia do oprimido, de Paulo Freire*." Os estudantes

Gadotti: fazendo cabeças.



não demonstram estranheza diante desses novos pajés da Amazônia. "Às vezes, não aceito o que diz um texto, como aconteceu quando li Paulo Freire pela primeira vez", conta Josué Pureza, aluno do Modular em Igarapé-Miri. "Depois, refleti em casa, voltei a discutir com o professor e entendi tudo."

Professores e alunos do Modular tiveram bom senso na escola de seus gurus. Afinal, Gadotti e Freire são duas das mais respeitáveis autoridades em ensino no país. Moacir Gadotti, 48 anos, é doutor em Ciências da Educação e trabalhou com o próprio Paulo Freire na Universidade de Genebra. Atualmente, dá aulas na



ABRIL IMAGES CLAUDIUS GECCON

Freire: textos disputados.

Unicamp e PUC-SP. Paulo Freire, 66 anos, é o criador do famoso método de alfabetização que leva seu nome e doutor honoris causa por universidades da Inglaterra, Bélgica, Suíça e Estados Unidos. "Precisávamos de melhores guias?", indaga Aldalice.